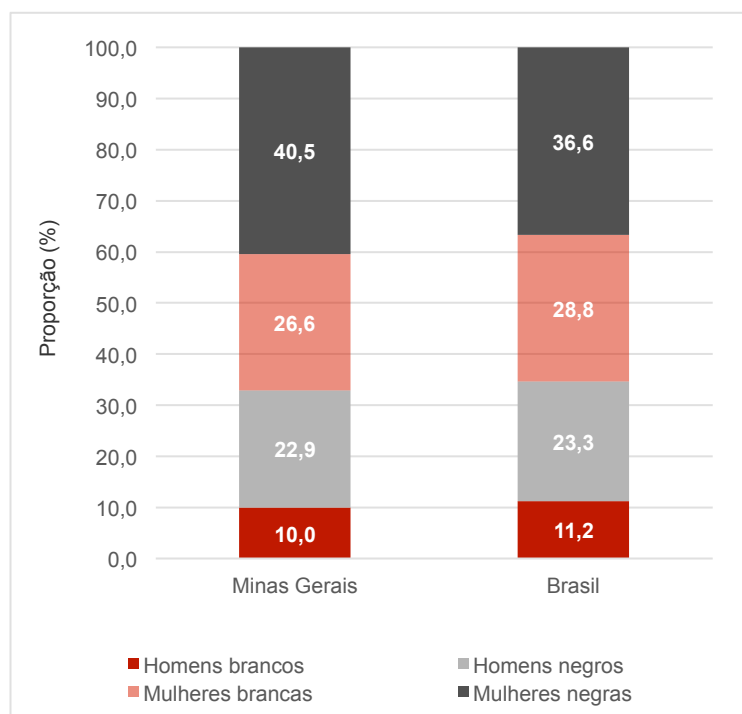


Mulher e Mercado de Trabalho: Autonomia Econômica – PnadC 2018

A autonomia econômica das mulheres está diretamente relacionada à sua capacidade de gerar rendimentos e recursos próprios por meio do acesso ao mercado de trabalho e ao trabalho remunerado em condições iguais aos homens. O uso do tempo e a contribuição das mulheres para a economia são dimensões importantes para esta análise conforme preconizado pela Comissão Econômica para América Latina (Cepal). Tendo como referência estudos do Observatório da Igualdade de Gênero da América Latina, apresenta-se, a seguir, alguns indicadores que compõem o quadro da autonomia econômica das mulheres em Minas Gerais em comparação à média do Brasil.

Gráfico 1. Proporção de pessoas de 15 anos ou mais sem rendimento monetário individual e que não frequentavam escola por sexo e cor – Brasil – 2018 (%)



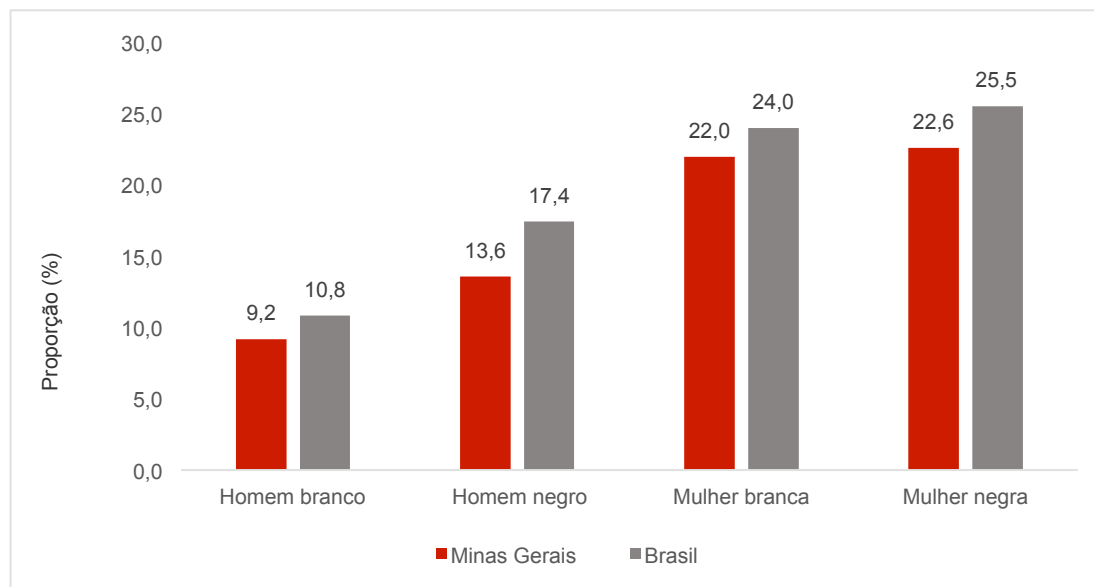
Fonte: IBGE. PnadC 2018.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PnadC), em 2018, havia no Brasil aproximadamente 23,7 milhões de pessoas sem rendimento, das quais 2,2 milhões encontravam-se em Minas Gerais. Do total das pessoas sem rendimento no país e no estado, grande parte eram mulheres: 65,4% no Brasil (36,6% negras e 28,8% brancas) e 67,1% em Minas Gerais (40,5% negras e 26,6% brancas) – vide gráfico 1.

O gráfico 2 apresenta os dados por grupos populacionais maiores de 15 anos de idade. Verifica-se que a proporção de mulheres, tanto brancas quanto negras, que não tinham renda monetária individual era substancialmente superior à dos homens, especialmente os brancos. Em Minas Gerais, em 2018, 9,2% dos homens brancos e 13,6% dos homens negros não tinham renda. No caso das mulheres, a proporção sem renda era de 22% para as brancas e 22,6% para as negras.

Em síntese, a proporção de mulheres brancas sem rendimento era 139,6% superior à de homens brancos, enquanto a de mulheres negras era 66,2% maior do que a dos homens negros. Os dados revelam que, para a média do Brasil, a proporção de pessoas sem renda em todos os grupos populacionais era superior à do estado. Não obstante, os diferenciais por sexo entre brancos e negros eram inferiores no Brasil em relação a Minas Gerais. No Brasil, a proporção de mulheres brancas sem rendimento era 121,6% superior à de homens brancos na mesma situação. Para as mulheres negras, em relação aos homens negros, esse percentual era de 46,4%.

Gráfico 2: Proporção da população acima de 15 anos que não recebem renda monetária individual e não estudam exclusivamente por sexo e raça/cor - Minas Gerais e Brasil - 2018 (%)

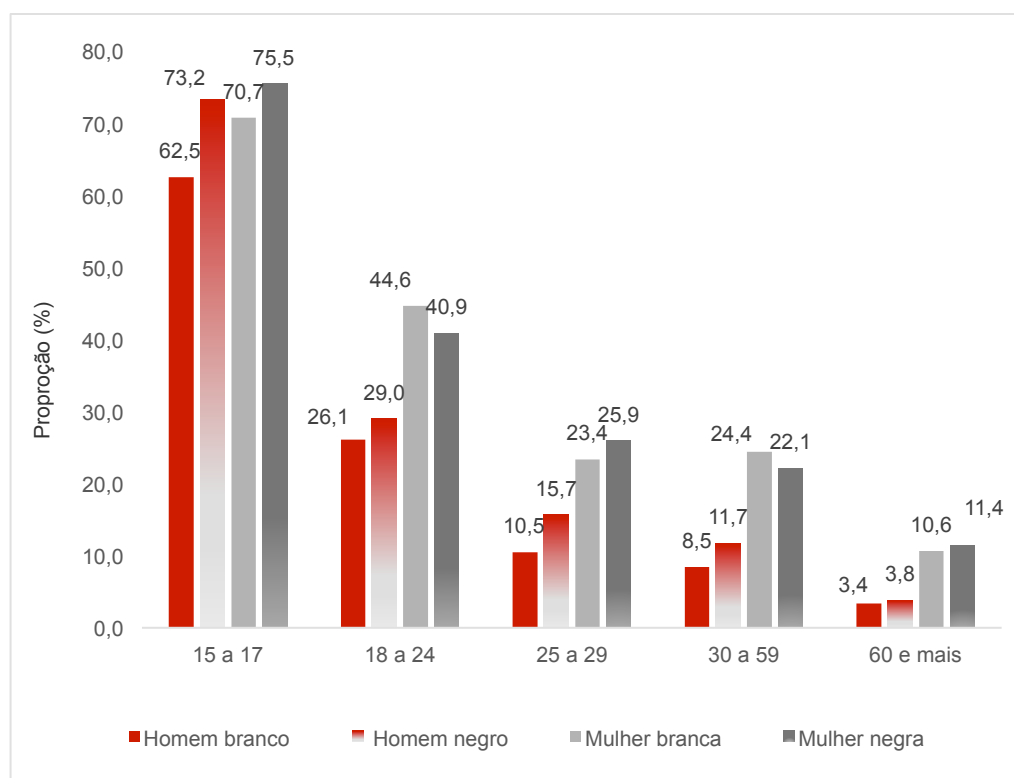


Fonte: IBGE. PnadC 2018.

Embora a estrutura da diferença do indicador *Proporção da população acima de 15 anos que não recebe renda monetária individual e não estuda exclusivamente* permaneça ao longo da vida, a proporção de pessoas sem renda vai paulatinamente se reduzindo tanto em Minas Gerais quanto no Brasil como ilustrado, respectivamente, nos gráficos 3 e 4.

Verificam-se os padrões semelhantes na distribuição etária dos grupos populacionais sem rendimento monetário no Brasil e em Minas Gerais, com proporções nacionais superiores às estaduais. Em Minas Gerais, 75,5% das mulheres negras com 15 a 17 anos não tinham renda, contra 70,7% das mulheres brancas, 73,2% dos homens negros e 62,5% dos homens brancos. No Brasil, esses percentuais eram de 82,0%, 73,8%, 70,7% e 66,8% respectivamente. Para a faixa etária entre 18 e 24 anos, a proporção de pessoas sem renda no estado era de 40,9% para as mulheres negras, 44,6% para as mulheres brancas, 29,0% para os homens negros e 26,1% para os homens brancos. No país, essas proporções eram de 45,7%, 44,7%, 37,4% e 32,3% respectivamente.

Gráfico 3. Proporção da população que não recebe renda monetária individual e não estuda exclusivamente por sexo e raça/cor segundo faixa etária - Minas Gerais - 2018 (%)

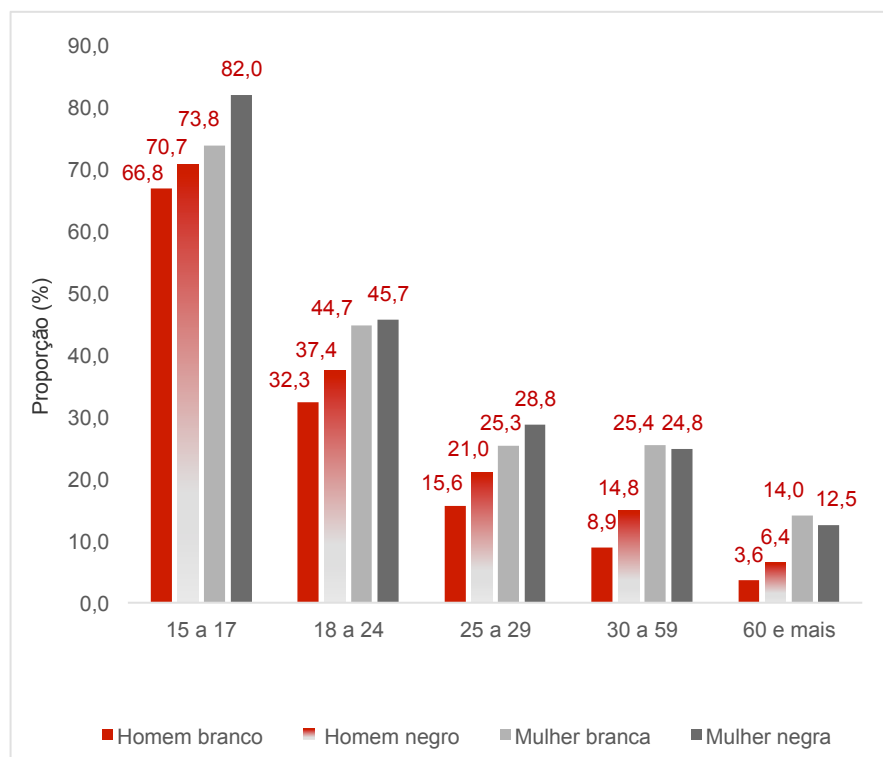


Fonte: IBGE. PnadC 2018.

Na faixa etária de 25 a 29 anos, ainda havia uma proporção considerável de mulheres sem renda: 25,9% para as negras e 23,4% para as brancas. Para os homens, 15,7% dos negros e 10,5% dos brancos não tinham renda monetária individual. A diferença permanece para as pessoas de 30 a 59 anos e a partir dos 60 anos de idade.

No Brasil, em todas as faixas etárias de análise, a proporção de pessoas sem renda era superior à média estadual. A única exceção foi a dos homens negros de 15 a 17 anos de idade. No estado, o percentual era de 73,2%; no Brasil, de 70,7%.

Gráfico 4. Proporção da população de 15 anos ou mais que não recebe renda monetária individual e não estuda exclusivamente por sexo e raça/cor segundo faixa etária - Brasil - 2018 (%)

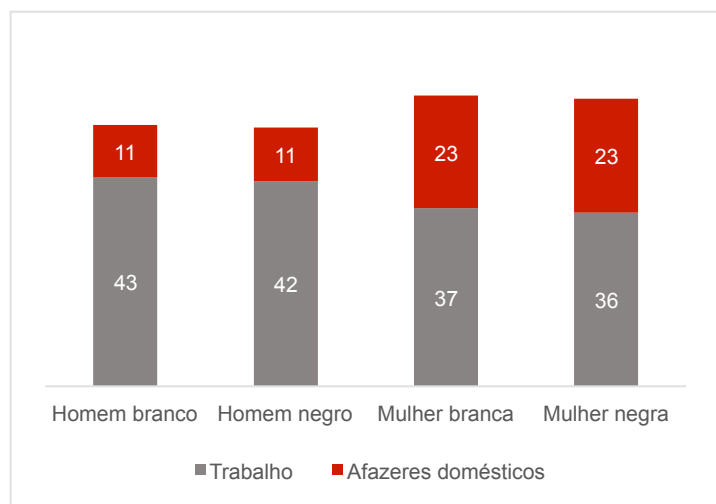


Fonte: IBGE. PnadC 2018.

Tanto em Minas Gerais quanto no Brasil, em 2018, para a faixa etária entre 20 e 59 anos de idade, as mulheres se dedicavam mais ao trabalho não remunerado (afazeres domésticos) do que os homens. No estado, enquanto os homens brancos e negros se dedicavam, respectivamente, a, em média, 43 e 42 horas semanais ao trabalho remunerado, as mulheres brancas se dedicavam, em média, a 37 horas e as mulheres negras a 36 horas. Ou seja, os homens se ocupavam, em média, seis horas a mais do que as mulheres em atividades remuneradas.

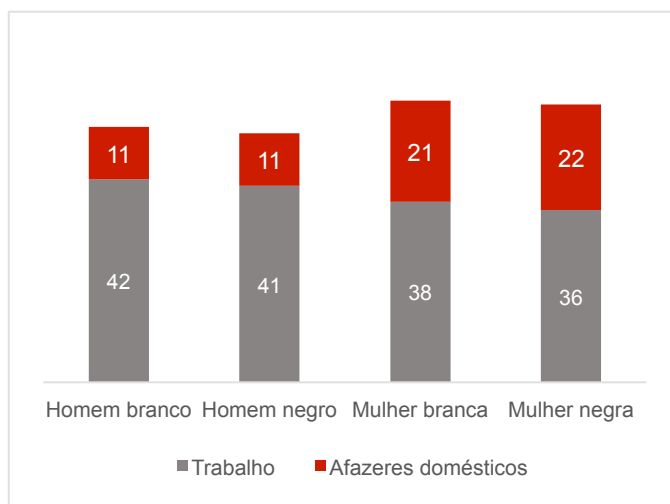
Entretanto, o tempo das mulheres dedicado ao trabalho não remunerado (afazeres domésticos) era o dobro do tempo dos homens: 11 horas para homens ante 23 horas para mulheres, independente da raça/cor (Gráficos 5 e 6).

Gráfico 5. Tempo médio destinado ao trabalho remunerado e não remunerado da população entre 20 e 59 anos por sexo e raça/cor - Minas Gerais - 2018 (média de horas semanais)



Fonte: IBGE. PnadC 2018.

Gráfico 6. Tempo médio destinado ao trabalho remunerado e não remunerado da população entre 20 e 59 anos por sexo e raça/cor - Brasil - 2018 (média de horas semanais)

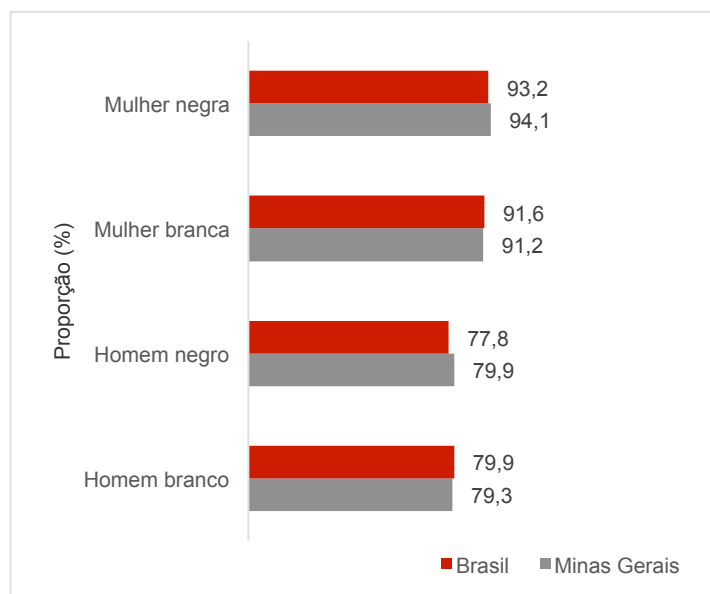


Fonte: IBGE. PnadC 2018.

Em Minas Gerais, do total das mulheres negras entre 20 e 59 anos de idade, 94,1% realizavam afazeres domésticos para o próprio domicílio ou de parente. Entre as mulheres brancas, esse percentual era de 91,2%. No Brasil, os percentuais também eram os mais elevados: 93,2% e 91,6% respectivamente. No caso dos homens, os percentuais eram bem menores: 79,3% dos brancos e 79,9% dos negros desempenhavam atividades domésticas em casa ou na casa de parentes. Ou seja, diferença entre mulheres negras e homens negros no estado de 17,7%; entre brancas e brancos, de 15,0%.

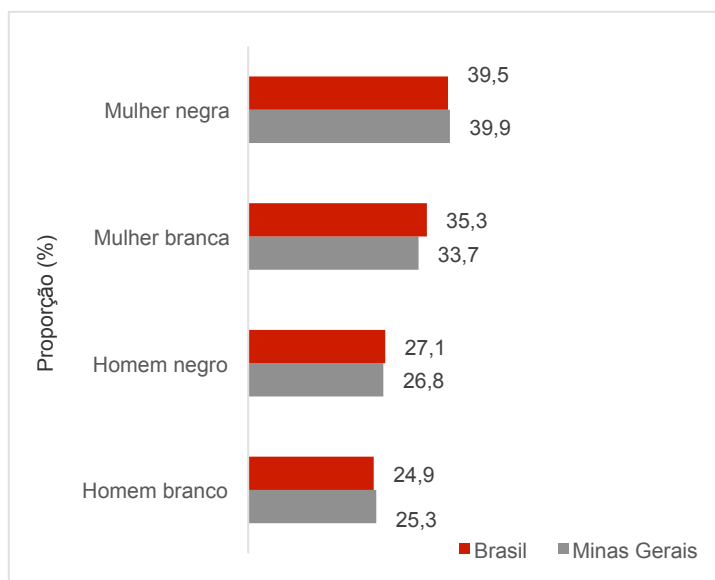
A taxa de cuidado (proporção das pessoas que cuidam de crianças, adolescentes ou adultos) de moradores do domicílio ou fora dele foi de 25,3% para os homens brancos, 26,8% para os negros, 33,7% para as brancas e 39,9% para as negras (Gráficos 6 e 7).

Gráfico 6. Taxa de realização de tarefas domésticas no próprio domicílio ou em domicílio de parente segundo sexo, cor/raça - Brasil e Minas Gerais - 2018. (%)



Fonte: IBGE. PnadC 2018.

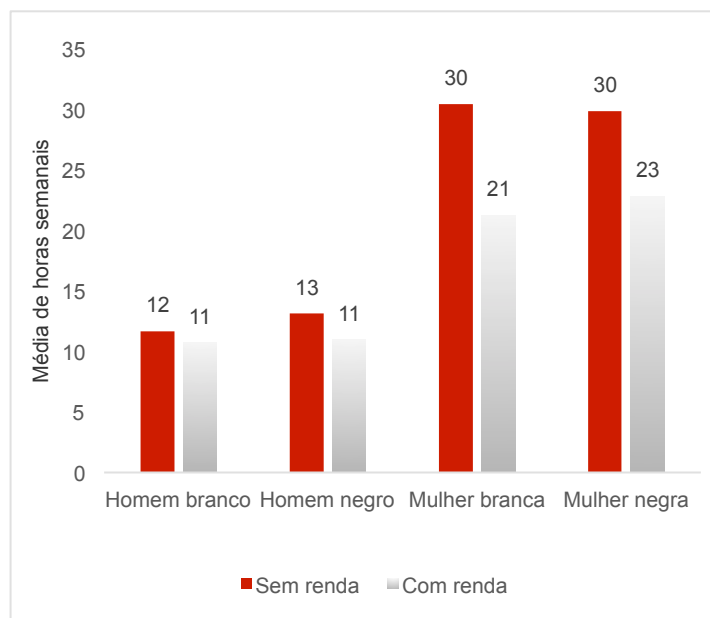
Gráfico 7. Taxa de realização de cuidado de moradores do domicílio ou fora do domicílio segundo sexo, cor/raça - Brasil e Minas Gerais - 2018. (%)



Fonte: IBGE. PnadC 2018.

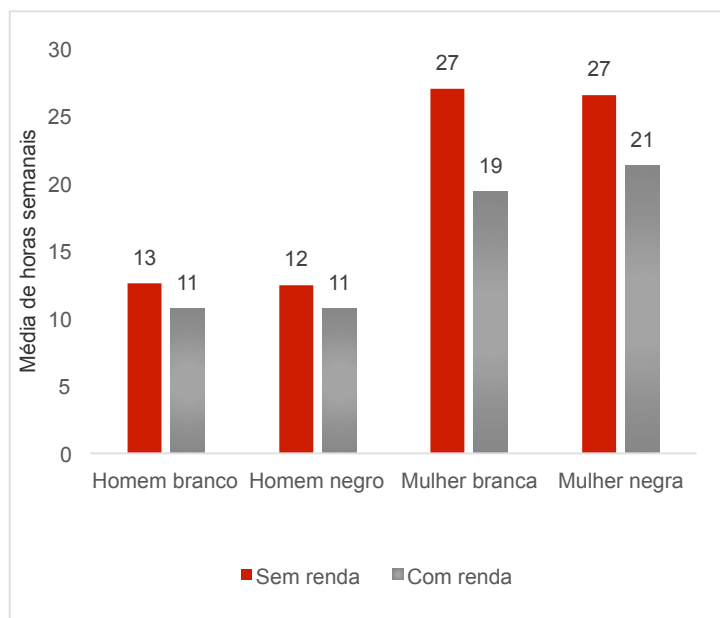
Além das taxas de realização de tarefas de cuidado e afazeres domésticos (trabalho não remunerado) serem superiores para as mulheres tanto no Brasil quanto em Minas Gerais, a intensidade do trabalho não remunerado é muito maior para as mulheres (gráficos 8 e 9). Enquanto a média de horas dedicadas ao trabalho não remunerado no Brasil e em Minas Gerais era de, respectivamente, 11 e 13 horas para homens, ela era de 19 e 30 horas para as mulheres - praticamente o dobro e o triplo de horas no comparativo entre sexo e região. Destaca-se que, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil, não havia diferença entre o total de horas trabalhadas pelas brancas e negras em atividades sem remuneração. Entre as mulheres com rendimento, as diferenças entre brancas e negras eram pequenas. Ressalta-se que, além da intensidade do trabalho doméstico ser maior para as mulheres, aquelas que não tinham renda própria dedicavam mais tempo ao trabalho doméstico. Esses dados sugerem relação entre a distribuição do tempo de trabalho remunerado e não remunerado diferente da verificada para os homens. Para eles, a média de horas pouco se altera de acordo com a cor/raça ou com renda própria ou não.

Gráfico 8. Tempo médio destinado ao trabalho não remunerado da população acima de 15 anos por sexo e raça/cor segundo rendimento monetário próprio - Minas Gerais - 2018 (média de horas semanais)



Fonte: IBGE. PnadC 2018.

Gráfico 9. Tempo médio destinado ao trabalho não remunerado da população acima de 15 anos por sexo e raça/cor segundo rendimento monetário próprio - Brasil - 2018 (média de horas semanais)



Fonte: IBGE. PnadC 2018.

A autonomia econômica das mulheres pode ser vista a partir do acesso à renda monetária e na relação estabelecida entre trabalho remunerado (no mercado) e trabalho não remunerado (exercido na esfera privada – afazeres domésticos e cuidados dos moradores de casa, por exemplo). Mais da metade das pessoas sem renda monetária no país e no estado de Minas Gerais era composta por mulheres, especialmente negras. Ao longo da vida, a proporção de pessoas sem renda monetária diminuiu, mas se mantém superior para as mulheres. Associado a isso, verifica-se que a proporção e intensidade da realização de tarefas domésticas ou de cuidados realizados por mulheres são consideravelmente superiores à dos homens. Nota-se, ainda, que as mulheres que auferem algum rendimento dedicam-se menos horas aos afazeres domésticos ou às tarefas de cuidado, mas a intensidade da realização dessas tarefas pelos homens não se altera. A média de horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico e de cuidado pelas mulheres que tem alguma renda monetária é superior à dos homens mesmo quando eles não têm renda.

Nesse sentido, os dados reforçam que a má distribuição social do trabalho doméstico não remunerado e as tarefas de cuidado servem como obstáculos à autonomia econômica das mulheres.

Expediente

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Presidente
Helger Marra Lopes

Vice-presidente
Monica Moreira Esteves Bernardi

DIRETORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES

Eleonora Cruz Santos

Núcleo de Estudos Populacionais
Denise Helena França Marques Maia

Equipe Técnica
Denise Helena França Marques Maia
Glauber Flaviano Silveira
Mária Ramos de Souza
Nícia Raies Moreira de Souza
Plínio de Campos Souza
Renato Vale Santos

Gestão de Conteúdo
Livia Cristina Rosa Cruz

Arte Gráfica
Bárbara Andrade

Informações para imprensa

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Telefone: (31) 3448-9580 / 3448-9588
E-mail: comunicacao@fjp.mg.gov.br
Alameda das Acácias, 70, bairro São Luiz, Pampulha.
CEP: 31275-150, Belo Horizonte, Minas Gerais

NÚCLEO DE INDICADORES POPULACIONAIS

denise.maia@fjp.mg.gov.br

